



ARQUITETURA, TECNOLOGIA E SUBJETIVIDADE: ANÁLISE DO FILME *MON ONCLE* DE JACQUES TATI

ARCHITECTURE, TECHNOLOGY AND SUBJECTIVITY: ANALYSIS OF THE FILM *MON ONCLE* BY JACQUES TATI

Alexandre Machado Santana

Mestrando em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias pelo Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia – IFFluminense
alexandremachadosantana@hotmail.com.br

Núbia Santanna Vieira

Mestrando em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias pelo Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia – IFFluminense
nubiasv1@gmail.com

Sergio Rafael Cortes de Oliveira

Mestrando em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias pelo Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia – IFFluminense
sergio.oliveira@iff.edu.br

Yasmin Cruz Gomes

Mestrando em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias pelo Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia – IFFluminense
yasmin_cruzgomes@hotmail.com

Resumo - Este artigo apresenta uma análise de conteúdo do filme francês *Mon Oncle* (1958) de Jacques Tati. A obra retrata as dicotomias entre *Monsieur Hulot* e sua família – os Arpel – e as mudanças da cidade tradicional francesa ocasionadas pelas grandes transformações da Europa após a Segunda Guerra Mundial. A trama tem como plano de fundo uma sátira cômica às formas de morar, à urbanidade e ao comportamento humano, abordando questões contemporâneas à época. Para a construção de uma análise que tornasse visível esses enfoques, foram averiguadas as relações com Arquitetura, tecnologia e subjetividade, segundo trechos

específicos dessa obra. O agrupamento de cenas permitiu identificar a percepção de Tati sobre o movimento moderno que distanciava a França, naquele momento, das referências historicistas. Com essa compreensão foi possível avaliar a relação direta do ambiente construído com os aparatos tecnológicos empregados na residência apresentada no filme – a Villa Arpel – e o quanto essa união foi nociva para o cotidiano da família de Hulot. A utilização de um programa arquitetônico distante das necessidades dos usuários fez com que a casa fosse palco de muitos conflitos, afastando os moradores e os visitantes de criar um vínculo afetivo com a residência. O presente estudo visa contribuir para o adensamento dos debates sobre as temáticas supracitadas, fazendo a aplicação da literatura específica de processo de projeto em Arquitetura, tecnologia e subjetividade, podendo assim extrair discussões atuais do longa-metragem, mesmo que sua narrativa tenha ocorrido em meados do século XX e propiciando reflexões atuais sobre o ser humano e o espaço construído.

Palavra-chave: *Arquitetura; Modernismo; Tecnologia; Habitação; Pertencimento*

Abstract - This article presents a content analysis of the French film *Mon Oncle* (1958) by Jacques Tati. The work portrays the dichotomies between Monsieur Hulot and his family - the Arpels - and the changes in the traditional French city caused by the great transformations in Europe after the Second World War. The plot is based on a comic satire of ways of living, urbanity and human behavior, addressing contemporary issues at the time. For the construction of an analysis that would make these approaches visible, the relations with Architecture, technology and subjectivity were investigated, according to specific excerpts of this work. The grouping of scenes made it possible to identify Tati's perception of the modern movement that distanced France, at that time, from historicist references. With this understanding, it was possible to assess the direct relationship between the built environment and the technological devices used in the residence presented in the film - Villa Arpel - and how harmful this union was for the daily life of the Hulot family. The use of an architectural program distant from the users' needs made the house the scene of many conflicts, keeping residents and visitors away from creating an affective bond with the residence. The present study aims to contribute to the consolidation of debates on the aforementioned themes, applying the specific literature of the design process in Architecture, technology and subjectivity, thus being able to extract current discussions from the feature film, even if its narrative occurred in the middle century and providing current reflections on the human being and the built space.

Keyword: *Architecture; Modernism; Technology; Housing; Belonging*

Introdução

O homem está em constante interação com ambiente construído e com isso recebe diversos estímulos que proporcionam ou não seu bem-estar no meio em que se insere. Essa sinergia com a arquitetura, ou seja, essa troca entre o edificado e o humano, quando é benéfico, cria um senso de pertencimento e conexão com o espaço o qual ele está usufruindo, fazendo-o ter a percepção de um local com características qualitativas que proporcionam conforto.

Para Mahfuz (2004), há uma subjetividade na conceituação de qualidade em Arquitetura, pois existem muitos fatores que interferem diretamente na produção de significado da obra arquitetônica, podendo até mesmo confundir-se com a inovação formal.

Vygotsky (1931, *apud* AITA, FACCI, 2011, p. 36) defende que:

O homem constitui sua subjetividade mediante o processo de apropriação dos conhecimentos construídos historicamente, desenvolvendo, assim, suas funções psicológicas superiores, tais como raciocínio lógico, pensamento abstrato, capacidade de planejamento, entre outras funções. Esse é um aspecto fundamental para o desenvolvimento da subjetividade e está assentado, também, na relação com outros homens (VYGOTSKY, 1931, *apud* AITA, FACCI, 2011, p. 36).

A subjetividade está ligada ao íntimo do homem e no seu processo interno de produção de conhecimento e anseios. É a partir deste ponto, atrelada ao vínculo diário com os produtos arquitetônicos, que se optou pela elaboração de uma análise fundamentada em um objeto não convencional, como forma de compreender mais essa ligação entre a subjetividade do usuário e o espaço construído.

O objeto deste trabalho é o filme francês *Mon Oncle*, de Jacques Tati, uma obra cinematográfica do final da década de 1950, que faz uma crítica aos hábitos da sociedade francesa e, por conseguinte, ao estilo arquitetônico moderno, um movimento racionalista que dominou a Europa após a Segunda Guerra Mundial, pautado na Carta de Atenas (1933) e nas ideias do arquiteto franco-suíço Le Corbusier.

O filme traz com clareza os contrastes dos avanços da modernidade na França, visto que o país estava transformando sua economia regional em global. A época foi caracterizada pelo rápido crescimento econômico possibilitado pela

internacionalização e pelo aumento da produtividade. A riqueza perdida durante as guerras estava sendo recuperada, o poder de compra dos indivíduos aumentou e permitiu que usassem uma variedade de bens domésticos, aproximando o novo estilo de vida ao resto do mundo modernizado.

A partir dessa obra foi possível construir uma análise de conteúdo com a identificação de elementos que caracterizam uma arquitetura vinculada à subjetividade. Dentro desta perspectiva, estabeleceu-se o questionamento da relação de existência dos aspectos subjetivos do usuário, principalmente, quando atrelados ao uso da tecnologia.

Supostamente, acredita-se que o processo de projeto, quando possui parâmetros predeterminados, inibe a subjetividade do indivíduo. Dentro dessa condição, pressupõe-se que a tecnologia pode ser um fator que reforça o distanciamento entre o homem e a arquitetura.

Para Kowaltowski e Moreira (2011, p.102), “a descrição das necessidades que o projeto deve atender implica identificar os valores e as necessidades do usuário em relação ao espaço construído”, ou seja, o ambiente edificado é um reflexo das predisposições de seus utilizadores. Nesse processo, o papel do projetista é fundamental para a representação dessa síntese de demandas.

Lawson (2011) destaca que o desenvolvimento projetual busca sempre apontar para o objetivo do projeto, para a análise de dados, a síntese de informações, a proposição e a avaliação de soluções, para que de forma eventual retorne à indagação inicial e se repense a problemática até obter resultados conclusivos.

Ainda sobre essa questão, Kowaltowski e Moreira (2011, p. 107), salientam que:

O programa arquitetônico é fundamental para a qualidade do processo de projeto e construção, e não se restringe a uma lista de ambientes e dimensões. É uma fase do processo de construção do edifício, que transforma informações e dados sobre a edificação em exigências claras que o projeto deve cumprir (KOWALTOWSKI E MOREIRA, 2011, p. 107).

Em *Mon Oncle* é perceptível a incongruência entre os moradores e a consolidação do programa arquitetônico no qual eles interagem. Essa dualidade é a

todo tempo denotada de forma desumanizada, satirizando o estilo arquitetônico que estava sendo, largamente, difundido na época.

Objetivo do estudo

O trabalho aqui descrito objetiva fazer uma investigação analítica entre as relações subjetivas, Arquitetura e tecnologia, limitando-se a avultar na identificação da relação de subjetividade dos usuários apresentados na obra cinematográfica *Mon Oncle* de Jacques Tati (1958) dentro de uma perspectiva tecnológica com o espaço construído.

Metodologia aplicada

Como arcabouço metodológico foi aplicada a análise de conteúdo para interpretação das informações exibidas nas cenas do longa-metragem. Segundo Penafria (2009, p.6), essa tipologia de investigação fílmica tem como princípio considerar a temática do filme como um relato. Para a autora, a decomposição da obra é imprescindível para uma boa compreensão do objeto de análise.

Por se tratar de um objeto audiovisual, as cenas foram agrupadas de acordo com os conceitos identificados como pontos principais na estruturação da análise, sob a luz da Arquitetura, da tecnologia e da subjetividade após uma crítica leitura da sátira produzida pelo cineasta Jacques Tati.

Análise do objeto

Mon Oncle – Meu Tio – é uma obra cinematográfica de 116 minutos, com atuação, produção e direção do francês Jacques Tatischeff, artisticamente, conhecido como Jacques Tati. Lançado em 1958, o longa-metragem é uma crítica cômica e fantasiosa à sociedade francesa caracterizada pela mecanização e à modernidade tecnológica difundida após a Segunda Guerra Mundial.

O filme tem como personagem principal o *Monsieur Hulot*, um homem de meia idade, solteiro e desempregado que vive na movimentada e característica cidade tradicional francesa. Enquanto sua irmã, a *Madame Arpel* junto à sua família, o marido Charles Arpel e o filho Gerard, se vislumbram ao mesmo tempo em que se frustram com a tecnológica residência asséptica do estilo moderno, num bairro que representava a nova fase contemporânea da França para a época. A Figura 1 apresenta a composição familiar central da trama.

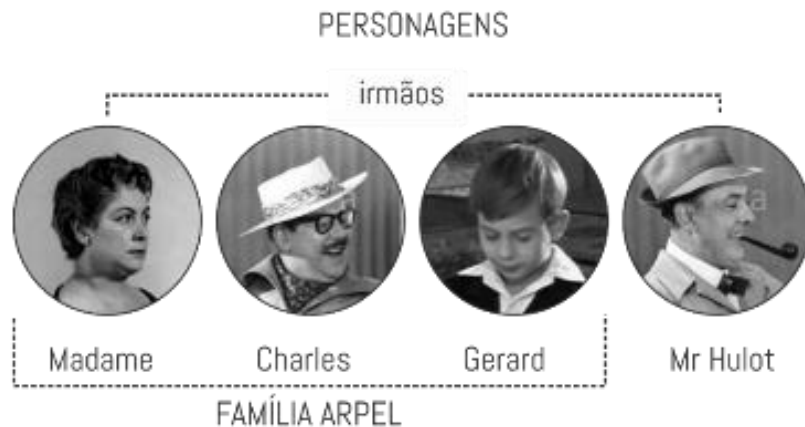


Figura 1 – Personagens principais do filme *Mon Oncle* de Jacques Tati.
Fonte: *Mon Oncle*, 1958. Elaborada pelos autores, 2020.

O enredo é repleto de bipartições que dão o tom engraçado ao filme. Uma dessas dicotomias principais é a relação entre os bairros de moradia de *Monsieur Hulot* e da *Madame Arpel*. Enquanto Hulot circula de forma a aproveitar a urbanidade do subúrbio francês, sua irmã vive cercada de muros em um bairro barulhento, com calçadas vazias e ruas cheias de carros enfileirados, como ilustra a Figura 2.



Figura 2 – Cena A: Urbanidade do subúrbio da cidade tradicional francesa; Cena B: Larga rodovia com alto fluxo de veículos representativo da cidade francesa moderna.
Fonte: *Mon Oncle*, 1958. Elaborada pelos autores, 2020.

A partir das cenas ilustradas na Figura 2, pode-se destacar a primeira observação sobre a subjetividade. Enquanto o bairro tradicional é acolhedor, o outro é *blasé*. Tati faz questão de reforçar essa dissemelhança através da paleta escolhida para os cenários. A vivacidade antagônica trazida no filme reflete às percepções trazidas por Jacobs (2011), que entende as ruas e as calçadas como os órgãos vitais de uma cidade, que nesses territórios acontecem todo o processo de integração social, sendo o homem e suas afeições o principal ator na ocupação deste espaço. A autora, em suas ponderações, traz uma característica, estritamente, ligada ao subjetivo do ser humano.

Jacobs (2011, p. 498 e 499), reforça que

[...] As cidades monótonas, inertes, contêm, na verdade, as sementes de sua própria destruição e um pouco mais. Mas as cidades vivas, diversificadas e intensas contêm as sementes de sua regeneração, com energia de sobra para os problemas e as necessidades de fora delas (JACOBS, 2011, p.498 e 499).

Os bairros apresentados podem ser caracterizados como parte formadora dos anseios personificados por Hulot e por sua irmã, a *Madame Arpel*. As ambiências apresentadas no filme são características de cada personagem, podendo identificar que tais locais fazem parte da produção social dos que ali habitam, revelando muito da formação subjetiva de cada um deles.

Dentro desse contexto urbano, a arquitetura é parte constituinte da paisagem. Em *Mon Oncle*, ela é evidenciada de forma latente, trazendo duas tipologias de residência: a moradia com referências historicistas de *Monsieur Hulot* e a *Villa Arpel*, a residência moderna da família Arpel, ilustradas na Figura 3.



**Figura 3 – Cena A: Residência com referências historicistas de Monsieur Hulot; Cena B: Villa Arpel, residência moderna de Charles, Madame e Gerard Arpel.
Fonte: *Mon Oncle*, 1958. Elaborada pelos autores, 2020.**

Percebe-se na moradia de Hulot uma realidade diferente da retratada na residência *high tech* de sua família instalada no racional bairro francês. Ela fica localizada na cobertura de um cortiço, com distintas construções e estilos, se assemelhando basicamente a uma versão caricata das referências históricas europeias. Acredita-se que Tati tenha utilizado desse artifício irônico para reforçar o antagonismo entre as duas tipologias apresentadas.

Compreendendo o processo formativo das duas residências, nota-se o reflexo da personalidade de seus moradores. Visto que a moradia de Hulot, aparentemente, é um amontoado de paredes, certamente construída por um processo desordenado e sem acompanhamento técnico, ela imprime uma vivacidade que não existe na casa de sua irmã.

Já a Villa Arpel, a casa da família Arpel, tem atributos peculiares, sendo morfologicamente futurista para a época. Conceitualmente, a residência incorpora os pontos da Nova Arquitetura Moderna de Le Corbusier: planta e fachada livres, pilotis, terraço jardim e janelas em fita. A implantação no terreno destaca sua monumentalidade e realça a materialidade da construção através dos ângulos rígidos, uso do vidro, concreto e aço.

No cotidiano da casa, observa-se a ausência de criação de laço afetivo com o local, a rigidez estética e a tecnologia exacerbada que, muitas das vezes sem função prática, cria na Villa um ambiente hostil para a família e seus visitantes.

A Villa Arpel é o típico projeto modernista de construção sugerido por Le Corbusier na época. Trata-se de uma residência sem empatia com o seu usuário, desconsiderando os fatores escalares e ao mesmo tempo inibindo seus residentes pela sua forma puramente monumental.

Para Kowaltowski e Labaki (1993), o processo de criar formas em Arquitetura é, na maioria das vezes, informal, individual ou pertence a escolas de regras estéticas. Isso fica evidente na abordagem materializada de *Mon Oncle*, visto essa dualidade tipológica supracitada.

Essa distância entre a Villa Arpel e seus usuários é trazida à tona sempre que possível, muitas vezes de forma sutil. Tati tem muita sensibilidade em entender a

relação humanística da residência. Em uma visão macro, ele consegue encontrar os desequilíbrios entre o construído e seus usuários, dando um caráter cômico às suas cenas.

Um exemplo desse descompasso entre usuário e programa é o evento em que a família Arpel convida alguns amigos para um chá da tarde, uma tradição culturalmente inglesa visto que o enredo do filme se passa na França moderna. Este fato, especificamente, é uma demonstração de Tati em afirmar que a França estava se alinhando ao restante da cultura mundial.

No longa-metragem, o jardim perde a característica simétrica e ganha desenhos desordenados, deturpando seu conceito original de domínio sobre a natureza. A padronagem confusa, permeada de caminhos sinuosos, entrecortados e de diferentes texturas fazem com o espaço externo da casa fique inapropriado para os convidados (Figura 4). *Mon Oncle*, com a cena do chá, mostra como o Modernismo veio para corromper o estilo de vida clássico dos franceses.

Em uma das cenas, a fonte monumental em forma de peixe que opulenta o jardim tem alguns problemas técnicos e faz com que jatos d'água sejam lançados sobre os convidados (Figura 4), fazendo-os ficarem desorientados e até mesmo gerando desequilíbrios em alguns deles. Essa confusão tem como cenário o jardim, uma clara referência aos jardins franceses criados por Luís XIV.



Figura 4 – Cena A: Vizinho tropeça na padronagem excessiva do jardim francês/moderno; Cena B: Convidados desorientados no jardim da Villa Arpel por causa dos periódicos jatos d'água gerados pela fonte.

Fonte: *Mon Oncle*, 1958. Elaborada pelos autores, 2020.

A subjetividade nesse momento do filme é totalmente condicionada ao local, ou seja, à área externa da casa, o jardim. Neste espaço inexistente o protagonismo de

seus usuários; a casa é quem dita as regras enquanto os convidados são tratados como peças em um jogo de xadrez *high tech*.

Santos (2008) explica bem esse fenômeno ao trazer uma definição sobre a relação de elementos no espaço. Para ele “os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação do homem sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.” (SANTOS, 2008, p.71).

O que acontece na cena do evento se alinha com a fala de Santos, pois o espaço desordenado apresentado por Jacques satiriza essa transição na espacialidade em que os franceses estavam vivendo. A falta de identificação com os elementos apresentados em cena, como o jardim e mobiliários, cria um desordenamento em toda a lógica da residência, dando os primeiros indícios de ausência da incorporalidade de seus usuários.

Mesmo com toda a balbúrdia causada pela configuração da Villa Arpel é possível perceber um endeusamento do local por parte da *Madame Arpel*. Em duas passagens do filme pode-se observar o apreço em que a irmã de Hulot tem pelos elementos tecnológicos da casa.

Sempre que o interfone toca no filme, a *Madame Arpel* aciona a fonte do jardim. Nota-se uma projeção psicológica de *status* em relação ao objeto por parte da irmã de Hulot, em que o chafariz a faz pertencer a um contexto social único e aristocrático. Outro demonstrativo disso é quando a própria senhora Arpel providencia a instalação do portão eletrônico da garagem, um elemento com atributos animados, duas janelas escotilhas que parecem formar olhos, bem similar à utilizada na fachada lateral da Villa. A Figura 5 ilustra as cenas de apreciação da fonte e do portão pela *Madame Arpel*.



**Figura 5 – Cena A: Madame Arpel aprecia a fonte ao ligá-la; Cena B: Madame Arpel aprecia o novo portão eletrônico da garagem.
Fonte: Mon Oncle, 1958. Elaborada pelos autores, 2020.**

Adam (2008, p.65) descreve essa característica, conceituada por Gordon Cullen no livro Paisagem Urbana, como animismo. Segundo ele:

É uma configuração poética em que ‘isto é aquilo’, ou seja, a sugestão de que a porta é um rosto, ou de que a fachada tem uma face na qual a porta é a boca, as janelas os olhos, etc. As manifestações de animismo transmitem sensação de estranheza e até irritação (ADAM, 2008, p. 65).

O animismo robótico do portão causa admiração em *Madame Arpel*, que vê na tecnologia a superação de seus problemas diários, o que para alguns filósofos da tecnologia, como Feendberg e Klinge, constitui o tecnocentrismo (COSTA E SILVA, 2013). No enredo, o ato de ter que abrir sempre manualmente a garagem para se retirar o carro é um incômodo para a família. Uma reação totalmente avessa à apresentada por Adam em suas considerações, pois julga-se que o portão, nessa situação, subjetivamente, é um objeto de realização pessoal para usuária, o que não causa estranheza nela mesma e sim uma sensação consubstancial.

A atitude da irmã de Hulot, nesse instante do filme, de modo empírico e especulativo, talvez tenha causado um clímax em Le Corbusier, pois em algum lugar – na Villa Arpel – sua “máquina de morar” estava se infiltrando nos hábitos franceses, pois para ele, entre a “Arquitetura e revolução”, a única a ser evitada seria a revolução (LE CORBUSIER, 1983, p.205).

Para Costa e Silva (2013, p.848), em análise do livro “O Conceito de Tecnologia” de Vieira Pinto, essa atitude da usuária pode ser chamada de “embasbacamento” que constitui:

[...] uma característica do pensamento acrítico tão presente nas sociedades contemporâneas. Em resumo, para o autor, a ideologização da tecnologia envolve um estado de espírito eufórico e uma crença no seu poder demiúrgico. Supostamente, o ser humano, por meio da tecnologia, irá construir uma vida feliz para todos (COSTA E SILVA, 2013, p.848).

Entretanto, em diversos momentos o “embasbacamento” da usuária é ilógico, como na cena em que *Madame Arpel* apresenta a Villa para a sua vizinha, exaltando a característica minimalista do espaço, contudo, em uma situação distante, quando ela está em um momento de lazer a sós com o marido, o simples ato de assistir

televisão se torna burocrático, e o minimalismo não é eficiente. Eles têm que deslocar a televisão e os mobiliários para a parte externa da casa para que haja ângulo de visão em um corriqueiro momento familiar. Essas situações estão ilustradas na Figura 6.



**Figura 6 – Cena A: Madame Arpel enaltece a ausência de objetos para a vizinha, destaque para as poltronas “Coquetier”; Cena B: Charles e Madame Arpel assistindo televisão nas poltronas “Coquetier” na parte externa da Villa, para melhor ângulo de visão da TV.
Fonte: Mon Oncle, 1958. Elaborada pelos autores, 2020.**

Será mesmo que a Villa Arpel, com sua tecnologia avançada, formas ousadas e caráter sóbrio se permite ser apropriada? E seus usuários, será que criam laços afetivos com essa ambiência? As respostas são negativas para essas perguntas e vem sendo diluída e justificada pelos parágrafos anteriores. A forma em que a residência é hostil com seus usuários é reforçada ainda mais, em um indício claro, através do comportamento insatisfeito de Gerard Arpel, filho de Charles e Madame Arpel.

Em suas aparições no filme, ele é mostrado como um garoto infeliz dentro do ambiente da casa. Isso só muda quando seu tio Hulot está presente ou quando ele está na rua. O *Monsieur* é um personagem que tem a capacidade de subverter sempre que possível a ortogonalidade opressora da Villa, em uma espécie de alerta sobre a vivacidade inexistente no espaço.

O menino Gerard só pode andar de bicicleta dentro de casa, pois no jardim não tem o programa adequado para esse tipo de atividade. O minimalismo da casa não o permite deixar nenhum objeto espalhado, pois qualquer elemento fora dos padrões da residência se destaca, descaracterizando a opulência da arquitetura moderna. A Figura 7 ilustra alguns momentos de aparição de Gerard. A Villa Arpel é dominadora, inibindo a capacidade e a inocência da única criança que a frequenta.

Ela tenta formatar em suas entrelinhas o usuário a se adequar, uma tentativa falha visto que a arquitetura por si só, inexistente.



Figura 7 – Cena A: Gerard irritado com as regras da mãe, Madame Arpel. Destaque para bicicleta na parte interna da casa; Cena B: Gerard cabisbaixo na cozinha por não ter onde, nem com quem brincar na Villa Arpel.
Fonte: Mon Oncle, 1958. Elaborada pelos autores, 2020.

Rocha (2003) afirma que:

O balanço do movimento moderno na arquitetura, que germinou com a reconstrução europeia nos pós 2ª guerra, foi ao encontro da crítica social e cultural, centrada nos aspectos técnicos e científicos da modernidade, os quais caracterizaram o entendimento da condição pós-moderna de desenraizamento do homem do ambiente. O conhecimento sobre o ambiente material e sobre o mundo social [...] contribuiu para o fomento da imagem de intrusão e controle da subjetividade efetivados pelos aparatos técnicos e científicos (ROCHA, 2003, p.54).

Assim como é perceptível o distanciamento de Gerard desses ambientes, as aparições conturbadas de *Monsieur Hulot* na casa também são táteis. Nas cenas do portão e da cozinha, como mostra a Figura 8, isso fica enfatizado.



Figura 8 – Cena A: Portão eletrônico se desmontando quando aberto de forma manual por Monsieur Hulot. Destaque para o animismo das janelas no segundo plano; Cena B: Monsieur Hulot e sua falta de aptidão em lidar com a tecnologia da cozinha da Villa Arpel.
Fonte: Mon Oncle, 1958. Elaborada pelos autores, 2020.

É impossível não perceber o desconforto do tio em lidar com a tecnologia empregada na casa de Mon Oncle. Tudo é muito complexo e ao mesmo tempo não permite que o usuário tome o controle. A residência é uma espécie de autossuficiência desconsertada, pois a todo instante a Villa tem uma cilada para alguém.

Considerações finais

Em suma, na análise das cenas apresentadas do filme percebe-se o quanto a Villa Arpel inibe a vivência de seus usuários. A arquitetura moderna empregada, nesse contexto, especificamente, é traiçoeira e causa desconforto para todos que a frequenta.

O comportamento expresso pelos personagens do filme é um reflexo de uma tentativa de aproximação à modernização, só que insuficiente. O fator subjetividade é afetado, porque não existe uma reciprocidade em relação à casa. A Villa Arpel não foi projetada para a família Arpel, mas sim como um modelo de um estilo arquitetônico representativo de uma sociedade utópica. Quando a arquitetura não é pensada para seus componentes, e ela tem o aporte da tecnologia atrelado, o afastamento entre o homem e o construído é natural. A sensação de bem-estar no espaço é não plena, e a formação psicológica, que alimenta a subjetividade, é afetada.

No longa-metragem, por mais prazerosa que a satisfação de estar em uma casa moderna aparentasse, em instantes todo esse contentamento era desconstruído por alguma situação ou evidência, que a própria arquitetura causava aos seus usuários. É um caminho onde o humano e o edificado não se tornam coincidentes.

Assim, é relevante destacar a abordagem trazida em *Mon Oncle*, pois se trata de um filme muito inovador para a sua época, abordando assuntos como mecanização e automatização, crítica social e psíquica, além da importância da arquitetura no cotidiano do usuário. O prognóstico de Tati a respeito dos efeitos

dominantes da Arquitetura Moderna foi tão acertado que o estilo o qual ele criticava nunca caiu no ostracismo.

Referências

- ADAM, R. S. Analisando o conceito de paisagem urbana de Gordon Cullen. Revista da Vinci, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 61-68, 2008. Disponível em: <http://www.up.edu.br/davinci/5/pdf21.pdf>. Acesso em: abr. 2020.
- AITA, E. B. FACCI, M. G. D. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia Histórico Cultural. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 32-47, abr. 2011.
- COSTA E SILVA, G. Tecnologia, educação e tecnocentrismo: as contribuições de Álvaro Vieira Pinto. Rev. Bras. Estud. Pedagog. [online]. 2013, vol.94, n.238, pp.839-857. ISSN 2176-6681. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-66812013000300010>. Acesso em: abr. 2020.
- LE CORBUSIER. Carta de Atenas. Tradução de Rebeca Scherer. São Paulo: HUCITEC/Edusp, s/D.
- LE CORBUSIER. Por uma arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- JACOBS, J. Morte e vida das grandes cidades. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MAHFUZ, E. C. Reflexões sobre a construção da forma pertinente. In: Vitruvius Arquitectos. 045. 02 Ano 04, fev. 2004. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/04.045/606>. Acesso em: abr. 2020.
- KOWALTOWSKI, D. C. C. K.; MOREIRA, D. C. O programa arquitetônico. In: KOWALTOWSKI, D. C. C. K.; MOREIRA, D. C.; PETRECHE, J. R. D.; FABRÍCIO, M. M. O Processo de Projeto em Arquitetura da Teoria à Tecnologia. 1. ed. São Paulo: Oficina de textos, 2011.p. 101-108
- KOWALTOWSKI, D. C. C. K.; LABAKI, L. O projeto arquitetônico e o conforto ambiental: necessidade de uma metodologia. In: ENTAC – ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIADO AMBIENTE CONSTRUÍDO, São Paulo, Anais, 1993. v. 2. p. 785-794.

LAWSON, B. Como arquitetos e designers pensam. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

MON ONCLE. Direção: Jacques Tati. Produtor: Jacques Tati. Paris: Specta. Gary. Alter. Films, 1958. 1 DVD (116 min)

PENAFRIA, M. Análise de filmes: conceitos e metodologia (s). In: VI Congresso SOPCOM. 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocccpenafria-analise.pdf>. Acesso em: abr. 2020.

ROCHA, A. M. Considerações sobre a arquitetura e a identidade do homem no mundo contemporâneo. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, n. 14, p. 48-57, 2003.

SANTOS, M. Metamorfoses do Espaço Habitado. São Paulo: Edusp, 2008.

Informações sobre os autores:

Alexandre Santana¹

Mestrando em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFFluminense *campus* Campos-Centro e bacharel em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Redentor.

E-mail: alexandremachadosantana@hotmail.com.br

Núbia Santanna Vieira²

Mestranda em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFFluminense *campus* Campos-Centro e bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela UVV.

E-mail: nubiasv1@gmail.com

Sergio Rafael Cortes de Oliveira³

Doutor em Engenharia Civil/Estruturas (UENF); Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense - IFFluminense *campus* Campos-Centro, onde leciona nos cursos de Mestrado Profissional em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias, Pós-graduação Lato Sensu em Arquitetura da Cidade: suas demandas e tecnologias, bacharelado em Arquitetura e Urbanismo e técnico integrado em Edificações.

E-mail: sergio.oliveira@iff.edu.br

Yasmin Cruz Gomes⁴

Mestranda em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFFluminense *campus* Campos-Centro e bacharel em Engenharia Civil pela UENF.

E-mail: yasmin_cruzgomes@hotmail.com